

A TRAGÉDIA DE SANTA MARIA E OS LUGARES DAS MEMÓRIAS

DANI MARIN AMPARO RANGEL¹; JULIANE C PRIMON SERRES²

¹Universidade Federal de Pelotas – damparodani@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – julianeserres@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Para este vigésimo segundo encontro de Pós Graduação da Universidade Federal de Pelotas apresentamos alguns delineamentos preliminares da investigação em curso que busca pesquisar as conformações memoriais dadas no contexto de uma tragédia. Nos filiamos aos estudos de memória, que vem consolidando um *corpus* de investigações interessadas em perceber as dinâmicas da memória, sobretudo em situações traumáticas. Representamos parte do grupo de pesquisadores do Núcleo de Estudos sobre Memória e Patrimônio em Lugares de Sofrimento (NEMPLuS) do PPGMP da UFPEl.

Para essa comunicação abordamos de forma preliminar alguns investimentos memoriais resultantes da tragédia de Santa Maria, referente ao incêndio na boate Kiss, que aconteceu em janeiro de 2013. Na localidade pulsaram diversas ações em reivindicação à memória das vítimas, sejam elas por meio de manifestações públicas efêmeras ou por meio da instituição de estruturas que permanecem no espaço público.

Nosso objetivo é trazer para a esfera de discussões essas manifestações e instrumentos locais que são constituídos enquanto investimentos memoriais, buscando refletir sobre quais são suas formas, de que signos utilizam, quais são os atores envolvidos e como todos esses elementos afetam a consolidação de uma memória coletiva da tragédia.

Nestes termos, conforme definiu Lavabre, para as ciências sociais, a memória tornou-se um problema importante, como um fenômeno que impulsiona fortes mudanças políticas e sociais nos quatro cantos do mundo (2007). Por esse motivo, nossa análise impregna-se de uma noção de que os aspectos memórias que envolvem a tragédia de Santa Maria circunscrevem-se a um universo muito maior do que a proposição de grupos isolados, enquadrando-se a movimentos de globalização memorial, estes, segundo a autora, entendidos como partícipes de uma memória internacionalizada, resultado de fortes experiências traumáticas contra diversas etnias, além dos movimentos migratórios resultantes do colonialismo e dos impactos causados pela escravidão (LAVABRE, 2007).

Nesse caminho, outro expoente, Huyssen, atribui a este fenômeno os resultados de uma desterritorialização e a uma reterritorialização da memória, em que os fatos memoriais locais, regionais e até nacionais, são relacionados e aproximados com casos de outras localidades (2014). A preponderância dos discursos relacionados a *Shoah*, a partir da segunda metade do século passado seja por meio dos julgamentos aos entes perpetradores do nazismo, dos testemunhos de sobreviventes do genocídio, das diversas produções do setor audiovisual, ou mesmo por meio do interesse acadêmico em explorar o tema produzem essas dinâmicas de transnacionalização da memória (HUYSEN, 2014), todos estes entendidos como movimentos, sejam punitivos, de reconhecimento, divulgação ou compreensão dessa seara memorial para que todo esse horror nunca se repita.

Em consonância a isso, e de fundamental aspecto para nossa compreensão, constituem-se as análises dos lugares, que são colocados como



uma preocupação preponderante, partindo do uso e de adaptações do conceito criado por Nora, dos lugares de memória (1993), remetidos a um contexto e emprego da memória do que denominou como “era da comemoração” na França (NORA, 1993).

Nessa direção, a ideia da constituição física de uma narrativa da memória encontrou espaço cada vez mais largo desde a segunda metade do século XX. Esse novo rumo foi alvo de fortes investimentos simbólicos e econômicos para materializar as formas de transmissão da memória, como por exemplo o referente a *Shoah*, que teve diversos de seus lugares, os campos de concentração de trabalho forçado e morte coletiva, transformados em lugares que pudessem demonstrar as gerações futuras os crimes cometidos, justamente para que isso não se repita. Por isso, Didi-Huberman entende que há um processo de transformação dos “lugares de barbárie” em “lugares de cultura”, muitos destes constituídos como “museus de Estado”, quando cita os campos de concentração nazistas da Polônia (2014).

Contudo, não somente os sítios que foram palco de atrocidades acabam por receber marcas da memória, e outros lugares passam a integrar esses processos de conformação de narrativas. Tal fenômeno foi diagnosticado por Robin a partir da diferenciação entre o que a autora chamou de sítios autênticos e lugares de memória (2014), os primeiros referindo-se àqueles espaços diretamente marcados pelos acontecimentos, e a segunda proposição referida ao surgimento de manifestações distanciadas deste lócus memorial. Tais criações, referenciadas pela autora como fruto de uma memória “trasladada” encontram nos memoriais dedicados aos judeus sua principal referência, uma vez que foram constituídas instituições em Washington D. C., Jerusalém e Berlim para referendar as memórias da *Shoah*. Deste modo, nessa primeira análise, o fenômeno memorial investigado estaria de algum modo transitando entre algumas das possibilidades de memorialização que são discutidas e empreendidas em diversos locais sede de eventos de trauma.

2. METODOLOGIA

Para o empreendimento desta análise, por meio de revisão bibliográfica, utilizamos dos conceitos basilares dos estudos de memória, aliados aos métodos de pesquisa documental na mídia local de Santa Maria. Para tanto utilizamos da organização documental proposta por Rangel (2019) que coletou do Diário de Santa Maria e do, atualmente extinto, jornal A Razão, em um recorte temporal de 2013 a 2018 para o DSM e de 2013 a 2017 para o AR, matérias que apontavam questões vinculadas as mais diversas ações que traziam a tona discussões vinculadas a investimentos memoriais. Desta forma, o que se propõe aqui é utilizar disso dando profundidade e produzindo uma síntese da miríade memorial que acontece nem Santa Maria.

Para isso, utiliza-se dos das teorias de análise dos discursos a partir da teorização de Orlandi (2002) entendendo que não há texto neutro e opaco, mas sim um texto que representa, por meio da língua, elementos da ideologia e lugares de enunciação daqueles que os produzem (ORLANDI, 2002). Não há como mensurar nessa proposta de comunicação as complexidades que envolvem a análise do discurso perante nosso objeto, mas construímos esse empreendimento filiados a essa teoria.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO



No âmbito dos movimentos executados em Santa Maria identificamos três grandes catalisadores nessa formação de uma narrativa oficial da tragédia. Todas estão ligadas a alguma dimensão da representação do papel dos lugares nesse caso. São elas, a criação e recorrência de movimentos de ritualização, sobretudo a cada 27 de janeiro; a segunda diz respeito a um investimento denominado Tenda da Vigília; e a terceira trata da criação de um memorial dedicado a tratar da memória das vítimas entre outras pautas.

Sobre a ritualização, identificamos que há um movimento de comemoração de eventos traumáticos, inseridos no calendário dos locais que sediam esses acontecimentos. Ao redor do globo, sociedades criam mais esse lugar de memória, a data (NORA, 1993). Essas comemorações são mediadas pelas mais diversas construções físicas e simbólicas, e por meio do uso desses signos comunicadores, conectam-se pessoas e memórias, são eles os sócio-transmissores (CANDAU, 2015). No caso de SM não foi diferente disso, uma vez que no dia seguinte à tragédia, familiares, amigos e demais munícipes iniciaram esses movimentos de homenagem e oferendas aos mortos naquele local, o que consolidou essas ritualizações, empreendidas até os dias atuais, agora de participação maior de familiares, sobretudo no aniversário do incêndio. Nessas ocasiões velas, flores, canções e sirenes são alguns dos elementos presentes, além dos sujeitos que os constituem. Mas, um elemento merece destaque, esse diz respeito ao uso da arte, por meio do grafite, que da forma e discurso a fachada do prédio, local em que acontecem essas comemorações. Assim, durante anos diversas mensagens foram plasmadas nessa tela da memória (STURKEN, 1991)

Tratando da Tenda da Vigília, identificam-se movimentos de traslado da memória da tragédia, conforme defendeu Robin (2014), do lugar real da memória, a outro espaço que outorga a este novo sítio seus significados. Nessa perspectiva cria-se um local, na principal Praça do centro de SM, que apresenta traços daquela tragédia. Tal movimento, segundo Moore (2009), possibilita maior acesso a esses indicadores, mas, também, segundo a autora, pode resultar em problemas de autenticidade e de interpretação dessas construções. De todo modo, a Tenda reúne movimentos de familiares em uma estrutura simples, de tenda com um banner retratando as fotografias de perfil das 242 vítimas, acompanhadas de suas iniciais. Assim, nesse espaço congregam-se memórias de resistência e de permanência no espaço público, por meio da ação constante dos familiares.

No que diz respeito ao memorial, com esse empreendimento identifica-se grande característica reivindicatória com fortes movimentos que justificam a própria execução de um concurso público de projetos arquitetônicos para escolher o formato do novo local e a constituição daquele lugar como um memorial definitivo, uma vez que, antes deste emprego, aquele prédio era um bem privado, que passou por situações de especulação imobiliária antes das forças que o reivindicaram como um espaço de memória, consolidado perante um movimento de desapropriação pública.

4. CONCLUSÕES

Em Santa Maria, pode-se assinalar que há um processo composto por múltiplas referências e possibilidades na constituição de narrativas das memórias da tragédia na boate Kiss. Desta forma, investigando esse fenômeno, percebemos que há uma forte filiação com os movimentos internacionais de reivindicação da memória das vítimas.

Além disso, esses casos configuram-se por meio de lógicas similares, sejam elas por meio das comemoração anuais, ou durante o período ordinário, com a oferta de flores, entre outros objetos vinculados ao caso, sendo este o proposto a cada 27 de janeiro. Na mesma direção, criam-se as iniciativas que outorgam a memória a outros lugares que mantém, junto a presença constante de familiares e fotografias a presença na ausências das vítimas, como é o caso da Tenda da Vigília. Por fim, se decide, após muito discutir-se o desejo em eleger uma forma de garantir a permanência dessa narrativa no espaço público, demolindo as ruínas do prédio incendiado e criando-se assim um Memorial às Vítimas.

Em nosso primeiro ano de mestrado propomos compreender os meandros desse universo memorial analisando o caso de Santa Maria, buscando compreender de que forma os agentes locais lidam com essa ferida ainda não cicatrizada, e para isso, necessitamos trazer para esfera das discussões os casos aqui citados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDAU, J. Mémoires partagées? **L'Anthropologie pour tous. Actes du colloque d'Aubervilliers**, Traces, p. 74-85, 2015.

DIDI-HUBERMAN, G. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

HUYSEN, A. **Culturas do passado-presente. Modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto e Museu de Arte do Rio, 2014.

LAVABRE, M-C. Paradigmes de la Mémoire. **Transcontinentales**, n. 5, p. 139-147, 2007.

MOORE, Lisa. (Re) Covering the past, remembering trauma: The politics of commemoration at sites of atrocity. **Journal of Public & International Affairs**, Spring, v. 20, p. 47-64, 2009.

NORA, P. Entre memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2002.

RANGEL, D. A. **A Patrimonialização da tragédia de Santa Maria: análise da imprensa local (Santa Maria –RS)**. 2019. 146f. Monografia. (Curso de Graduação em Museologia) – Departamento de Museologia, Conservação e Restauro, Universidade Federal de Pelotas.

ROBIN, R. Sitios de memoria e intercambios de lugares. **Clepsidra. Revista Interdisciplinaria de Estudos sobre Memoria**, Buenos Aires, n. 2, p. 122-145, 2014.

STURKEN, M. The Wall, the Screen, and the Image: The Vietnam Veterans Memorial. **Representations**, n. 35, p. 118-142, 1991.